

LINGUÍSTICA DE TEXTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Leonor Werneck dos Santosⁱ

Rafahel Parintinsⁱⁱ

Comentário do Editor

Nesta edição da Revista Saridh – Linguagem e Discurso, entrevistamos a professora Dra. Leonor Werneck dos Santos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisadora foi selecionada e convidada para ser entrevistada pela Saridh por apresentar um notável trabalho na área de Linguística Textual e do Ensino de Língua Portuguesa.

Leonor Werneck dos Santos é professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela é doutora e mestra em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) e graduada em Português-Literaturas, também pela UFRJ. Realizou dois pós-doutorados: um na Universidade Federal do Ceará (UFC) e outro na Universidade Aberta (UAb), em Portugal. Foi professora do Ensino Fundamental e Médio. É membro do Grupo de Trabalho de Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT-UFRJ).

Na presente entrevista, Leonor responde a perguntas sobre seu trabalho na área de Linguística Textual e sobre as aplicações desse trabalho no campo do ensino e na formação de professores de Língua Portuguesa.

¹ A entrevistada agradece à professora Dra. Thalita Cristina Souza Cruz (UNIRIO), pela leitura desta entrevista e pelas sugestões a ela realizadas.

1. (Revista Saridh) Para começar, você poderia nos contar um pouco sobre a sua relação com a Linguística de Texto e com o ensino de língua? Como essa relação aconteceu em sua trajetória acadêmica? Sempre foi seu interesse trabalhar com essas áreas?

Professora Leonor Werneck: sempre digo que tive a sorte de – no final da década de 1980, início de 1990 – já ter estudado sobre coesão e coerência, nas aulas de Linguística do Professor Doutor Luiz Marques de Souza, na UFRJ. Era a maior novidade, e nem eu sabia o quanto era inovadora essa abordagem textual, apresentada, na época, nos livros de Koch, Travaglia, Marcuschi e Fávero. Quando comecei o Mestrado, voltei a ler livros de Linguística de Texto, Linguística Aplicada e Análise do Discurso, então meu interesse pelos estudos textual-discursivos só aumentou. Na mesma época, já lecionava no ensino fundamental e percebia como era importante trabalhar textos variados, estimular leitura e escrita, abordar a gramática de maneira mais contextualizada e produtiva. Então, somando minha inquietação como docente com meu interesse de pesquisa, acabei vendo na Linguística de Texto um caminho natural de ensino e pesquisa...e nunca mais saí dele.

2. (Revista Saridh) A presente edição da Revista Saridh trata, em seu dossiê temático, da abordagem (socio)cognitivista na Linguística Textual. Como as pesquisas do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT-UFRJ), que você coordena, enfrentam (teoricamente, metodologicamente, analiticamente) os aspectos (socio)cognitivistas do texto em suas pesquisas? A seu ver, como a realidade dos processos (socio)cognitivos interfere no estudo do texto e no ensino de língua?

Professora Leonor Werneck: Já há muitos anos, os estudos em Linguística de Texto no Brasil consideram o texto como um processo, em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, e as pesquisas do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), que coordeno junto com o professor Dr. Dennis Castanheira (UFF), acompanham essa perspectiva teórica contemporânea. Assim, temos estudado, principalmente, a referenciação aplicada a gêneros e tipologias textuais, procurando entender como se manifestam as características textuais, condicionadas por aspectos sociocognitivos e interacionais.

Atualmente, os estudos sobre referenciação analisam o processo sem a preocupação de identificar os objetos de discurso (“puxando setinhas”, por exemplo), mas de perceber como eles são construídos nos textos e quais os efeitos de sentido criados. Podemos entender esse processo analisando um exemplo citado por Marcuschi, no qual o autor fala de uma família que viajou de férias e, em seguida, no exemplo, se usa o pronome “eles”. Essa anáfora indireta – mais lógica do que o uso da anáfora direta “ela” – só é possível porque temos um conhecimento compartilhado da ideia da família contendo, pelo menos, dois integrantes e, provavelmente, um homem e uma mulher. É claro que essa ideia já mudou há tempos e, mesmo antes, nada impedia que uma família fosse formada apenas por mulheres – o que faria o uso de “elas” ser perfeitamente possível. Mas esse exemplo demonstra claramente como o processamento textual depende do acionamento de conhecimentos sociocognitivos compartilhados. Podemos ver outro exemplo, ao pensar em encapsulamentos como “manifestação”, “passeata”, “confusão” retomando porções textuais em uma notícia, para se referir ao que houve durante uma greve de professores: a escolha de um ou outro encapsulamento colabora para a construção sociocognitiva e ideológica do que está sendo noticiado e até mesmo do veículo midiático. Portanto, há muitos aspectos interessantes a pesquisar sobre referenciação, nessa perspectiva sociocognitiva e interacional.

Assim, há publicações do GPLINT sobre referenciação – seja enfatizando uma estratégia referencial, como o encapsulamento ou a dêixis de pessoa, seja analisando o processo como um todo, observando a construção das cadeias referenciais – com base em gêneros textuais variados, como crônicas, depoimentos orais, redações que seguem o chamado “modelo Enem”, artigos de opinião etc.

Em todas essas pesquisas, verificamos de que maneira as especificidades decorrentes das condições de circulação dos gêneros – incluindo a estrutura, a composição temática e o estilo – colaboram para a construção de sentido. Essas configurações genéricas estão diretamente associadas a construções sociocognitivas, interacionais e históricas que são essenciais ao analisar referenciação, sequenciação, argumentação, intertextualidade, dentre outros temas comuns em pesquisas da área.

Além disso, principalmente como resultado das pesquisas de Pós-Doutorado que supervisiono, temos discutido muitas interfaces entre a Linguística de Texto, principalmente com o Interacionismo Sociodiscursivo, a Semântica Argumentativa, a Linguística Cognitiva e a Linguística Aplicada. Essa vocação para os estudos de interface teórica é uma das características da Linguística de Texto brasileira contemporânea, e estamos atentos a essa tendência.

3. (Revista Saridh) Na sua opinião, para quais caminhos têm ido os estudos da Linguística Textual atualmente no que diz respeito à formação de professores de língua? Já há muito conhecimento na área a ser aplicado na atuação docente nas escolas ou há ainda muitas questões a serem exploradas a partir da Linguística de Texto?

Professora Leonor Werneck: Essa pergunta me faz lembrar um famoso artigo de Ingedore Koch – *Linguística de texto, quo vadis?*, publicado na revista *D.E.L.T.A.*, em 2001². Há décadas, muitas pesquisas em Linguística de Texto têm refletido a respeito do ensino, abordando gêneros e tipologias textuais, referenciação, modalização, sequenciação, argumentação, intertextualidade etc. Esses estudos reverberaram nos documentos oficiais (PCN, OCN, BNCC, orientações curriculares regionais e municipais), em congressos e publicações acadêmicas e em livros didáticos. Portanto, já há muito conhecimento a ser aplicado na Educação Básica.

Porém, na prática, nem sempre essa influência chega, de fato, à escola, ou seja, nem sempre há mudança didático-pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa. Então, como dizia a saudosa Inge³, temos que usar a metodologia da água mole em pedra dura: um dia, vamos conseguir furar os obstáculos para melhorar o ensino de Língua Portuguesa. Há muito, ainda, a fazer, e o caminho não passa apenas pela Linguística de Texto, mas pela integração entre teorias variadas, como Sociolinguística, Funcionalismo, Análise do Discurso, Semiótica etc.

² O artigo de Koch (2001) está disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/zwtg8H43ZSVZQDNp58y4BNd>. Acesso em: 09 dez. 2023.

³ Ingedore Koch.

De qualquer forma, o mais importante é não apenas fazer chegarem à escola os resultados das pesquisas acadêmicas, mas saber como fazer isso. Se for para os professores ficarem ainda mais confusos ou inseguros, misturando teorias e pensando em levá-las aos alunos, não adianta muito. Se for para impor a teoria x ou y , também não. Se for para sugerir a aplicação, sem focar na formação continuada dos professores e na atualização dos currículos das licenciaturas, também pouco adiantará. É essencial saber articular as diversas teorias à prática pedagógica, lendo criticamente os documentos oficiais e os materiais didáticos, propondo atividades variadas e reavaliando sistematicamente os resultados obtidos nas turmas dos diferentes níveis de ensino. Isso é complexo, necessita de investimentos e de responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos com a educação: professores, família, alunos, escolas, universidades, governo.

4. (Revista Saridh) Quais são os seus objetos de estudo atuais no campo da Linguística Textual e quais são as suas contribuições e, se for o caso, produtos principais mais recentes?

Professora Leonor Werneck: Como já disse, há alguns anos, minhas pesquisas e as dos meus orientandos do GPLINT vêm refletindo a respeito da referenciação articulada a gêneros textuais variados, como depoimentos orais, redações “modelo Enem”, entrevistas, artigos de opinião. Ultimamente, temos testado uma proposta metodológica de análise da referenciação, observando como se estabelecem as cadeias referenciais: em Seara e Santos (2019), analisamos artigos de opinião portugueses e brasileiros que discutem o assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, mostrando de que maneira até mesmo a omissão do nome da vereadora ajuda a construir sua cadeia referencial; Castanheira (2020) discute como os encapsulamentos colaboram na estruturação de entrevistas publicadas em revistas e propõe atividades que podem ser implementadas em vários níveis de ensino; Barbalho (2022) sistematiza uma proposta de análise das cadeias referenciais, verificando como a vítima, o acusado e o feminicídio aparecem em depoimentos orais, propondo um olhar para essas cadeias que explicita como elas se inter cruzam e se complementam; Lanes (2023) observa como as cadeias referenciais

associadas às palavras-chave da frase temática da redação do Enem são construídas em textos que receberam nota máxima no certame.

Temos divulgado os resultados dessas e de outras pesquisas em eventos acadêmicos, no Brasil e no exterior, e em publicações variadas. Todas as minhas publicações e as dos meus orientandos são divulgadas no meu site⁴ ou no site do GPLINT⁵. Além disso, temos um Instagram⁶ no qual compartilhamos informações breves sobre o que estamos pesquisando. Qualquer pessoa pode baixar os materiais divulgados nessas mídias e, caso haja interesse, pode também entrar em contato conosco.

5. Como sua pesquisa tem se voltado para a formação de professores de Língua Portuguesa?

Professora Leonor Werneck: Muitas pesquisas que publico abordam o ensino: em Santos (2021), mostro como abordar textos conforme a BNCC; em Santos e Lebler (2021), discutimos o que vem a ser análise linguística-semiótica e propomos atividades; em Arena e Santos (2022), sugerimos estratégias para trabalhar produção textual na escola e critérios de avaliação; em Souza Cruz e Santos (2023), abordamos os multiletramentos na escola, exemplificando com resenhas (escritas e em vídeo) e com microrresenhas do Instagram. Essas publicações mais recentes dão continuidade ao que tenho pesquisado nos últimos 18 anos, analisando diretrizes curriculares, refletindo sobre teorias, propondo atividades para níveis de ensino diversos.

De maneira semelhante, muitas pesquisas que orientei – tanto no Profletras quanto no Mestrado Acadêmico e no Doutorado – contêm reflexões didático-pedagógicas: Nascimento (2013) reflete sobre a abordagem dos gêneros textuais em questões do Enem; Colamarco (2014) analisa estratégias de referenciação em fábulas de Esopo e Lobato, sugerindo

⁴ O site da pesquisadora é o seguinte: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>. Acesso em 09 dez. 2023.

⁵ O site do GPLINT é o seguinte: <https://gplint.wixsite.com/gplint>. Acesso em 09 dez. 2023.

⁶ O link do perfil no Instagram do GPLINT é: <https://www.instagram.com/gplint.official>. Acesso em 09 dez. 2023.

atividades para a sala de aula; Barbalho (2016) propõe uma aplicação da referenciação em artigos de opinião em turmas de ensino fundamental; Miranda (2016) sugere atividades de retextualização em turmas de EJA; Castanheira (2020), que coorientei, analisa modalização em livros didáticos de ensino médio e propõe questões a serem levadas para a sala de aula.

Essas são apenas algumas das pesquisas que, direta ou indiretamente, procuram colaborar para a formação continuada dos professores. Muitas delas estão sintetizadas em artigos, para facilitar a leitura dos interessados nos temas e divulgar o que temos estudado na universidade, especialmente no GPLINT – e estão disponíveis nos nossos sites.

ⁱ Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: leonorwerneck@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3802276062054027>
ORCID: <http://0000-0002-8415-3535>

ⁱⁱ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó.
E-mail: rafahelparintins@gmail.com
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7676055251109350>
ORCID: <http://0000-0003-0128-3068>